

# AFROFUTURISMO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA PROPOSTA ANTIRRACISTA

## AFROFUTURISM IN BASIC EDUCATION: AN ANTIRACIST INITIATIVE

### AFROFUTURISMO EN LA EDUCACIÓN BÁSICA: UNA INICIATIVA ANTIRRACISTA

Rafael Aranha de Sousa<sup>1</sup>  
Rosane Maria Cardoso<sup>2</sup>

#### RESUMO

Este artigo visa fomentar ações que promovam uma educação antirracista a partir da formação de leitores nas salas de aula da educação básica, enfatizando a importância de textos oriundos das culturas africana e afro-brasileira. Além disso, busca integrar a literatura afrodescendente brasileira como um meio de desconstruir narrativas coloniais e realçar a influência africana na construção da identidade nacional. O objetivo é gerar discussões reflexivas sobre temas cruciais à educação antirracista, incluindo o contexto histórico e político do racismo no Brasil. Para isso, é essencial alinhar-se às diretrizes curriculares do Ministério da Educação, explorar a essência do afrofuturismo, e entender os pilares da educação antirracista. O artigo envolve a análise e o trabalho com diferentes gêneros textuais representativos da literatura e cultura africana e afro-brasileira, seguindo os padrões da BNCC e a Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08. O planejamento inclui a realização de oficinas que abrangem aspectos da narrativa e buscam reavaliar o papel do educador no desenvolvimento de estudantes capazes de pensamento crítico.

**PALAVRAS-CHAVE:** educação antirracista; literatura afrodescendente; decolonização da história; gêneros textuais; cultura afro-brasileira.

#### ABSTRACT

This article aims to foment an education that combats racism in basic education classrooms. It emphasizes the value of text genres arose from African and Afro-Brazilian cultures. The article proposes to review the Afro-Brazilian literature as a way of critiquing colonial narratives and of accentuating the African influence in the national identity. The goal is to evoke reflexive debates on essential themes in antiracism education, with the historic and political context of racism in Brazil. To that end, aligning the ideas to the curricular guidelines of the Ministry of Education is vital as well as exploring the core of Afrofuturism and grasping the pillar of the antiracist education. It presents studies and activities with many text genres, such as short stories and poetry, which are examples of the African and Afro-Brazilian literature. That proceeds the patterns of BNCC and the Law 10.639/03 and 11.645/08. The plan embraces executing workshops covering facets of narrative, and re-gauges the role of the educator in the advance of critical-thinking students.

**KEYWORDS:** antiracist education; African descendent literature; history decolonization; text genres; Afro-Brazilian culture.

#### RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo incentivar acciones que promuevan la educación antirracista a través de la formación de lectores en las aulas de educación básica, destacando la importancia de los textos provenientes de las culturas africana y afrobrasileña. Además, busca integrar la literatura afrodescendiente brasileña como un medio para desconstruir las narrativas coloniales y resaltar la influencia africana en la construcción de la identidad nacional. El objetivo es generar debates reflexivos sobre temas cruciales para la educación antirracista, incluido el contexto histórico y político del racismo en Brasil. Para lograrlo, es fundamental alinearse con los lineamientos curriculares del Ministerio de Educación, explorar la esencia del afrofuturismo y comprender los pilares de la educación antirracista. El artículo involucra análisis y trabajo con diferentes géneros textuales que representan la literatura y la cultura africana y afrobrasileña, siguiendo las normas del BNCC y las Leyes n.

---

<sup>1</sup> Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Brasil. Orcid: 0009-0001-8930-6545.

<sup>2</sup> Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)/Universidade de Caxias do Sul (UCS), Brasil. Orcid: 0000-0002-8471-307X.

10.639/03 y n. La planificación incluye la realización de talleres que abarquen aspectos de la narrativa y busquen reevaluar el papel del educador en el desarrollo de estudiantes capaces de pensar críticamente.

**PALABRAS CLAVE:** educación antirracista; literatura afrodescendiente; decolonización de la historia; géneros textuales; cultura afro-brasileira.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Como Rangel (2016) define, "afrofuturismo é um movimento estético que surge do encontro da tecnologia e da ficção científica com as questões da diáspora, da escravidão e dos determinismos raciais vividos pelo negro em meio à modernidade". Essa perspectiva é crucial para entender os eventos históricos e superar as visões coloniais e racistas, conforme proposto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A BNCC enfatiza a importância de abordar obras de diferentes períodos históricos em suas dimensões sincrônicas e diacrônicas para estabelecer conexões entre o passado, presente e futuro (Brasil, 2018, p. 524).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaca a importância de diversificar as produções culturais na Educação Básica, incluindo a literatura africana de língua portuguesa e a afro-brasileira. Segundo a BNCC, é essencial aproximar os estudantes de culturas que são fundamentais na formação da identidade de diferentes regiões do Brasil (BRASIL, 2018, p.524). Nesse contexto, os gêneros literários e artísticos, bem como os não literários escolhidos para este projeto são o conto, o samba, a poesia slam, podcast e a dramaturgia tendo o futuro do negro como referência. A última, embora incluída apenas como sugestão na oficina de artes, respeita a individualidade dos estudantes em relação às suas manifestações religiosas, alinhando-se com a laicidade do ensino no Brasil.

Assim, a presença de obras que discutam a história e cultura do povo negro representa um fenômeno significativo no cenário social e literário contemporâneo. O aumento de representações e expressões artísticas que inter cruzam assuntos como afrofuturismo, negritude e afrocentricidade evidenciam uma mudança na percepção social de realidades historicamente invisíveis.

## 1 LEIS ANTIRRACISTAS

Os temas afrofuturistas colaboram para a compreensão sobre o desenvolvimento e a influência contínua da cultura africana e afro-brasileira na formação da cultura brasileira atual. Além disso, o projeto visa debater o racismo como um processo histórico e político no

Brasil, explorando, por exemplo, a perseguição e proibição do samba no início do século XX e o surgimento de manifestações artísticas como um movimento de resistência antirracista.

Representatividade e ancestralidade são conceitos-chave para entender, planejar e ensinar sobre essas culturas. Frente ao racismo, que historicamente tentou apagar a história e a identidade da cultura africana e afro-brasileira, os movimentos antirracistas buscam resgatar essas ancestralidades e identidades, tornando-as presentes, compreendidas e respeitadas, e desfazendo os estereótipos criados pelo pensamento eurocêntrico.

Nesse contexto, a Lei nº 11.645/08 é um marco legislativo no Brasil que complementa e reforça a legislação anterior, a Lei nº 10.639/03, estendendo a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira para incluir também a história e cultura indígena nas escolas de ensino fundamental e médio, tanto públicas quanto privadas. Esta lei representa um avanço significativo na educação brasileira, pois reconhece a importância de uma representação mais inclusiva e abrangente da história e cultura do país.

A inclusão da história e cultura afro-brasileira e indígena no currículo escolar visa corrigir uma lacuna histórica na educação brasileira, onde a narrativa predominante muitas vezes marginalizou ou omitiu as contribuições desses grupos. Essa abordagem tem o potencial de oferecer uma visão mais completa e equitativa da história do Brasil, promovendo um maior entendimento e respeito pela diversidade cultural e étnica do país.

A implementação da Lei nº 11.645/08 que complementa e reforça a legislação anterior, a Lei nº 10.639/03 desafia os educadores a repensarem seus métodos de ensino e conteúdos programáticos. Isso envolve a seleção de materiais didáticos que incluam perspectivas afro-brasileiras e indígenas, a realização de oficinas e atividades que explorem essas culturas, e a promoção de debates e reflexões sobre o impacto histórico e contemporâneo desses povos na sociedade brasileira.

Além de enriquecer o currículo, a lei visa combater o racismo e a discriminação, educando as novas gerações sobre a riqueza e a importância das diversas culturas que formam o Brasil. Ao aprender sobre as histórias, tradições e contribuições dos povos africanos e indígenas, os estudantes podem desenvolver uma compreensão mais profunda e empática das diferentes comunidades que compõem a nação.

Contudo, a efetividade da Lei nº 11.645/08 e da Lei nº 10.639/03 depende não apenas da inclusão desses temas no currículo, mas também da maneira como são abordados e integrados ao processo educativo. É fundamental que os educadores estejam preparados e comprometidos com uma educação que valorize a diversidade e promova uma compreensão crítica da história e da sociedade.

Diante do cenário persistente de desigualdade racial e social, enraizado em um processo histórico contínuo e perpetuado como o único discurso aceito pela sociedade por um longo período (Oyarzabal; Pires, 2019), surge a Lei 10.639/2003. Essa legislação propõe a inclusão do ensino da história e cultura africana no currículo escolar, visando alterar a narrativa anteriormente estabelecida e servir como uma expressão da consciência negra. Seu propósito é resgatar a identidade e a cultura do povo negro, desencadeando assim um processo de "libertação" e (re) construção de sua dignidade. No entanto, muitas vezes, essa instrução é negligenciada, sujeita a uma perspectiva eurocêntrica que resulta na ruptura de valores presentes na cultura africana. Por isso, destaca-se a importância de enfatizar a necessidade de incorporar temas africanos no currículo escolar, reconhecendo-os como instrumentos essenciais para o entendimento das diversas expressões culturais.

Além disso, é fundamental desconstruir a noção de uma "história única" predominante nas escolas, uma narrativa muitas vezes moldada pelos vencedores, como apontado na canção "Exú nas escolas" de Elza Soares e Edgar (Edgar e Dinucci, 2018). Esta narrativa hegemônica tende a simplificar ou apagar a existência e a importância de grupos étnico-raciais como negros e indígenas. Reconhecendo a diversidade cultural e étnica do Brasil, o projeto busca reescrever essa história, inserindo a narrativa dos afro-brasileiros, suas culturas e lutas pela liberdade, destacando sua importância na história do país.

A relevância deste tema reside na necessidade de combater o racismo estrutural presente na sociedade brasileira. A educação, sendo um pilar fundamental na formação de indivíduos conscientes e críticos, desempenha um papel crucial na luta contra as desigualdades raciais. Integrar a cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar não é apenas uma questão de inclusão, mas também um ato de justiça histórica, reconhecendo e valorizando as contribuições dessas comunidades na formação da nação.

Atualmente, apesar dos avanços nas leis e da crescente conscientização sobre a relevância da equidade na educação, desafios substanciais persistem. A representação de pessoas negras em instituições acadêmicas e a contínua disparidade no acesso a recursos educacionais de qualidade são fenômenos frequentemente observados. Refletir sobre a educação formal para essas comunidades destaca não apenas a urgência de políticas inclusivas, mas também salienta a importância de um currículo que celebre a diversidade cultural, histórica e étnica do Brasil. Esse questionamento é um apelo à transformação do sistema educacional, buscando promover igualdade de oportunidades e o fortalecimento de todos os estudantes, independentemente de sua origem étnico-racial.

Assim, este artigo propõe uma abordagem educacional transformadora, que não só combate ao racismo através da inclusão e valorização das culturas africana e afro-brasileira, mas também enriquece o currículo escolar, promovendo uma educação mais diversificada, inclusiva e representativa. A implementação desta pesquisa tem o potencial de influenciar positivamente a percepção dos alunos sobre a diversidade cultural e racial, preparando-os para se tornarem cidadãos mais conscientes e empáticos em uma sociedade cada vez mais globalizada.

## **2 AFROFUTURISMO, BNCC E OS GÊNEROS TEXTUAIS**

A educação antirracista é uma abordagem pedagógica que visa dismantlar preconceitos raciais e promover uma compreensão mais profunda e respeitosa das diferenças (Sousa et al., 2022). No Brasil, onde a história e a cultura são profundamente influenciadas por raízes africanas, é crucial que o sistema educacional reconheça e valorize essas contribuições (Braúna et al., 2022). O artigo pretende ser um passo nessa direção, oferecendo aos alunos uma perspectiva mais inclusiva e abrangente da história e cultura nacionais.

A literatura afrodescendente e os gêneros textuais oriundos das culturas africana e afro-brasileira fornecem uma rica fonte de conhecimento e perspectivas que desafiam a narrativa histórica dominante. Integrar a literatura afrodescendente e os gêneros textuais da cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar é uma forma de descolonizar a educação (Benatti e Teruya, 2022). Isso significa revisitar e reavaliar a história e a cultura brasileiras sob uma outra luz, uma que reconhece e celebra as contribuições africanas.

Essa abordagem não apenas enriquece o conhecimento dos alunos, mas também fomenta o respeito e a apreciação pela diversidade cultural (Padilha; Zilberstein, 2020). Através de contos, poesias, sambas, e outras formas de expressão artística, os estudantes podem explorar histórias e experiências que frequentemente são negligenciadas ou distorcidas. Isso não só enriquece o seu aprendizado, mas também promove empatia e um maior entendimento da diversidade cultural do país.

Dessa maneira, a introdução da literatura no ambiente escolar abre portas para uma abordagem educacional renovada, considerando a rica diversidade histórica e cultural que compõe a sociedade brasileira. Essa abordagem inovadora refere-se à implementação de novas estratégias pedagógicas, com uma ênfase clara nas relações étnico-raciais. O objetivo é superar as práticas pedagógicas antigas, profundamente enraizadas no eurocentrismo e marcadas por preconceitos e discriminação em relação à comunidade negra e

afrodescendente, uma vez que foram moldadas pela hegemonia racial influenciada pela herança europeia. Essa transformação é crucial para criar um ambiente educacional mais inclusivo e representativo. É por isso que,

As relações étnico-raciais em nosso país são marcadas, historicamente, por profundas desigualdades socioeconômicas, haja vista a perpetuação do racismo no seio social, realimentado ao longo do tempo por diversas facetas e dissimulações como, por exemplo, o mito da democracia racial e o eurocentrismo curricular. Emerge daí, a sua propagação e desdobramentos no espaço escolar, nas relações sociais, na mídia, nas artes e na literatura. Diante desse quadro geral, enfrentaremos grandes desafios para fazer valer a Lei Federal 10.639/03, em virtude da carência de docentes na área das relações étnico-raciais e, também, da parca publicação e circulação de materiais didáticos, teóricos e literários pertinentes à demanda atual, que é primar pela valorização e ressignificação da história e cultura africana e afro-brasileira, sem cair nas teias enredadas pelo racismo à brasileira (Oliveira, 2008, p. 01).

O afrofuturismo surge como um elemento vital neste contexto e como elemento curricular, oferece uma abordagem única e inovadora para o estudo da cultura africana e afro-brasileira. Este movimento artístico e filosófico apresenta uma visão futurista e empoderada das identidades africanas e afrodescendentes, proporcionando aos alunos a oportunidade de reimaginar o passado, o presente e o futuro dessas comunidades de uma maneira positiva e inspiradora (Dumani; Prates, 2021; Rocha; Vaz, 2021).

No contexto da literatura, obras capazes de integrar de forma habilidosa a temática com a excelência literária certamente têm o potencial de enriquecer a abordagem crítica da questão em discussão. Além disso, no ambiente educacional, podemos fazer um amplo uso da perspectiva dos gêneros textuais, considerando a abundância de materiais disponíveis no domínio da arte em sala de aula.

Além disso, combinar elementos de ficção científica, história e cultura, oferecendo uma visão empoderada e futurista das identidades africanas e afrodescendentes (Costa, 2017). Ao explorar o afrofuturismo, os alunos podem se envolver com narrativas que reimaginam o passado, presente e futuro das comunidades africanas e afrodescendentes de maneiras inovadoras e inspiradoras, como exemplo, *O Caçador cibernético da Rua Treze*, de Fábio Kabral transporta elementos da mitologia Iorubá para uma envolvente narrativa futurista. Com uma linguagem contemporânea, o autor constrói um universo fantástico detalhado, habitado por uma população melaninada, visualmente ousada e usuária de tecnologia avançada.

Nesse cenário, chamado Ketu 3, reside João Arolê, um jovem negro que atua como caçador de espíritos malignos. Este personagem complexo, semelhante aos deuses africanos, enfrenta incertezas e lida com as consequências de viver em um mundo onde bem e mal não ocupam dimensões separadas. João experimenta crises de consciência, dúvidas e insônias, esforçando-se para compensar as mortes que causou como meio de redenção. Ao utilizar os elementos do Afrofuturismo para contar a envolvente história de João Arolê, Fábio Kabral não apenas nos conduz por uma aventura emocionante, mas também nos educa sobre a cultura negra, os deuses e a ancestralidade. Este livro é uma jornada pessoal cheia de deuses, heróis e monstros, uma leitura imprescindível para todos os entusiastas de aventura e fantasia.

*Ás de espadas*, de Faridah Àbíké-Íyímídé ressalta os personagens Chiamaka e Devon, estudantes da Academia Particular Niveus, que são escolhidos para liderar a alta hierarquia escolar como chefes de turma, parece ser um começo promissor para o ano de ambos. Essa nomeação é especialmente significativa em seus currículos, visando garantir admissões em boas universidades. Contudo, pouco tempo após essa prestigiosa nomeação, alguém conhecido como "Ases" inicia o envio de mensagens para todos os alunos da escola, expondo segredos íntimos dos dois jovens. Esses detalhes comprometedores ameaçam seriamente os futuros que ambos planejaram com tanto esforço. O que começou como uma possível brincadeira de mau gosto rapidamente se transforma em um jogo perigoso e aterrorizante. Assim, é uma narrativa repleta de suspense que, ao mesmo tempo, lança uma crítica contundente sobre questões sociais, destacando o racismo, a homofobia e o preconceito de classe ainda presentes em nossa sociedade.

O último ancestral, de Ale Santos inicia a narrativa nos limites do Distrito de Nagast, em um futuro ultratecnológico, onde encontra-se Obambo, uma favela para onde a maior parte da população negra foi exilada após os Cygens, seres híbridos de humanos e máquinas, assumirem o controle. Essa mudança de poder resultou em uma política segregacionista intensa, proibindo o uso da magia, a disseminação de crenças religiosas e o culto aos deuses. Nesse cenário, vive Eliah, um jovem que busca uma vida melhor para si e sua irmã, Hanna, uma adolescente autodidata em linguagens eletrônicas, através de atividades de roubo de carros. Contudo, sua existência dá uma guinada completa quando ele descobre que é portador do espírito do Último Ancestral, uma entidade poderosa com o potencial de salvar os habitantes de Obambo. Agora, contando com a ajuda de Hanna e outros aliados essenciais, Eliah precisa utilizar seus poderes ancestrais para liderar uma luta em prol de seu povo. O que ele ainda não percebe é que uma ameaça ainda maior está à espreita.

*Sankofia*, de Lu Ain- Zaila representa uma jornada por meio de 12 contos de inspiração afrofuturista, explorando diversas facetas literárias. Essas narrativas entrelaçam elementos como empregadas domésticas e terror social, Maracatu e Sword & Soul, patrimônio histórico e mistério. Em seu tecido, encontramos também fantasia, poderes e representatividade, ficção científica e reflexões sobre a essência humana. Ademais, a obra mergulha na riqueza da cultura e mitologia africana. Em suma, é um alinhamento de presente, passado e futuro, todos entrelaçados por meio das palavras, convidando-nos a viajar por inúmeros mundos imaginários.

*Ìségún*, de de Lu Ain- Zaila acompanhamos Zuhri, detetive do Núcleo de Combate a Crimes de Ordem Ambiental-Humana, enquanto ela investiga o assassinato do Dr. Diop, líder das pesquisas de biolimpeza industrial na Alphabio Tech. Em meio às tensões tanto espaciais quanto sociais entre a Cidade Alta e a Cidade Baixa, Zuhri enfrenta o desafio não apenas de desvendar o crime hediondo, mas também de compreender sua ligação com Ayomide, uma personagem que emerge em sua narrativa e a convence de que não está sozinha no mundo, nunca esteve.

*Ritos de passagem*, de Fábio Kabral mostra um uma terra sobrenatural e desafiadora, inspirada nas lendas africanas, quatro jovens estão prestes a enfrentar os intensos Ritos de Passagem de suas respectivas sociedades. Numumba, um garoto frágil que enfrenta diariamente adversidades, sonha em alcançar a grandeza como herói. Seu inseparável amigo, Nolom, dedicado estudioso das tradições ancestrais, nutre um profundo ressentimento em relação à sua condição de escravizado e ao ambiente imerso em misérias e conflitos. Por outro lado, Gulungo, também cativo, desconhece a origem selvagem de seu sangue e busca vingança contra aqueles responsáveis pela destruição de sua tribo. Enquanto isso, Kinemara, uma princesa pertencente a uma linhagem de feiticeiras, sofre silenciosamente com maus tratos, pois é considerada mais fraca do que suas irmãs voluntariosas. Esses quatro jovens terão que superar não apenas a si próprios, mas também as leis brutais de suas tribos, pois o preço do fracasso pode ser mais aterrorizante do que a própria morte dos espíritos que habitam em cada um deles.

*Raízes do amanhã*, de Waldson Souza evidencia uma das marcas deixadas pelo colonialismo é a presença de um presente que impõe desafios significativos à projeção de futuros para a população negra. Por essa razão, narrar e protagonizar histórias assume uma importância crucial para expandir o campo de possibilidades. Diante dos obstáculos impostos pelo cenário real, o ato de especular, tanto dentro quanto fora da ficção, se revela como o meio que nos capacita a resgatar o passado, questionar o presente e construir futuros. Essa



prática fortalece as raízes do amanhã, que penetram profundamente no solo brasileiro em direção ao desconhecido.

Com a organização a cargo do autor e pesquisador Waldson Souza, G. G. Diniz, Kelly Nascimento, Lavínia Rocha, Pétala e Isa Souza, Petê Rissatti, Sérgio Motta e Stefano Volp desenham narrativas que, ora proporcionam um respiro, onde o amor, a superação das adversidades e a liberdade são possíveis, ora servem de alerta para nos recordar que frequentemente estamos aprisionados por uma realidade que nos impede de sonhar. Ao evidenciar noções de futuros próximos ou distantes, os contos presentes em "Raízes do Amanhã" oferecem diversas respostas sobre o tempo e o espaço da juventude negra, criando um espaço revolucionário de experimentação ficcional.

Acrescenta-se, a seguir, algumas sugestões de músicas com trajes afrofuturistas, por exemplo, *Black is king* é um álbum visual lançado por Beyoncé em 2020, exibe a exuberância e a abundância da cultura africana por meio de imagens relevantes e relatos cativantes, comemorando a variedade e a resiliência da diáspora africana, abraçando as próprias raízes. É notório que outros artistas como Solange, Thundercat e Shabazz Palaces - grupos musicais - continuam a evidenciar e contribuir conceitos afrofuturistas em suas músicas.

Solange é reconhecida pela sua fusão singular de R&B e sonoridades inovadoras. Em sua canção "Cranes in the sky", ela aborda temas relacionados à autodescoberta e resiliência, apresentando essas narrativas através de uma perspectiva futurista. Já Thundercat aborda o Afrofuturismo de maneira mais eclética. Seu álbum *Drunk* apresenta uma mescla de funk, jazz e elementos eletrônicos, proporcionando aos ouvintes uma experiência que transcende as fronteiras musicais tradicionais. Faixas como "Them changes" exemplificam sua habilidade de combinar gêneros de forma fluida, criando uma atmosfera verdadeiramente única e fora do convencional. Shabazz Palaces acrescenta um toque único de hip-hop ao cenário do Afrofuturismo. Em sua canção "Black up", eles mesclam batidas intrincadas com letras provocativas que exploram questões sociais dentro de uma perspectiva futurista.

Ao investigar a evolução do afrofuturismo na música, somos guiados por uma jornada envolvente através do tempo e de diversos gêneros musicais. Desde o impacto inovador de Sun Ra até a redefinição do afrofuturismo por Beyoncé, os artistas têm desafiado fronteiras, moldando uma paisagem sonora completamente nova além de roupas, acessórios, comportamentos, cores, dentre outros fatores. A presença marcante da música eletrônica desempenhou um papel vital na formação dos sons afrofuturistas, enquanto artistas contemporâneos como Janelle Monáe e Beyoncé continuam a ser pioneiros nessa expressão artística.

Integra-se, a seguir, algumas sugestões audiovisuais afrofuturistas, por exemplo, *Negrum3* (Brasil, 2018, Direção de Diego Paulino) que entre a melanina e planetas distantes, adentre a jornada de jovens negros da metrópole de São Paulo. Este ensaio aborda a experiência da negritude, da sexualidade e das aspirações espaciais dos descendentes da diáspora.

*Personal vivator* (Brasil, 2014, Direção de Sabrina Fidalgo) registra que Rutger é um ser extraterrestre incumbido da missão de passar 72 horas na Terra para estudar o comportamento humano. Para evitar levantar suspeitas, ele se camufla sob a identidade de "documentarista" e opta por iniciar sua pesquisa na cidade do Rio de Janeiro.

*Rebirth is necessary* (Reino Unido, 2017, Direção de Jenn Nkiru) explora a vitalidade e o encanto da negritude manifestam-se em um domínio onde as noções de tempo e espaço sofrem alterações. O presente, o passado e o futuro são reconsiderados e rearranjados para gerar algo emocionante e intensamente visceral.

*Preces precipitadas* (Brasil, 2020, Direção de Rafael Luan e Mike Dutra) busca reconstruir o passado para contemplar o futuro. Em uma madrugada, após sair de uma festa de reggae, Breno encontra-se transportado para uma área no espaço-tempo que transcende o presente, o passado e o futuro.

*Negro em mim* (Brasil, 2020, direção de Macca Ramos) é um documentário de pesquisa que explora a perspectiva de artistas e pensadores negros na atualidade brasileira. Ao viajar por seis cidades do Brasil, o documentário oferece um retrato da diversidade do país, centrando-se nas discussões sobre questões raciais. A obra destaca a arte, a cultura e a política como reflexões fundamentais da diáspora e da evolução da identidade negra no mundo.

*O Arco do medo* (Brasil, 2017, Direção de Juan Rodrigues) é uma narrativa de resistência em que masculino e feminino se dissipam diante de um corpo negro que persiste na busca por liberdade e autenticidade. Ao ultrapassar as fronteiras do gênero, o objetivo é simplesmente existir. É um corpo negro que sobrevive. Já *Sugar walls teardom* (França, 2016, Direção de Tabita Rezaire) evidencia como o útero de mulheres negras foi significativo para o progresso da medicina moderna, da ciência e da tecnologia.

As narrativas audiovisuais contemplam as visões do passado, futuro e afetividades da comunidade negra, numa tentativa de reafirmar uma identidade legítima diante das contradições, desigualdades e do racismo existente no mundo. Isso fortalece a capacidade de moldar sua própria perspectiva, olhando para a história através de seus próprios olhos e escrevendo narrativas afrocentradas com suas próprias mãos — mãos negras.

Assim, a implementação de uma educação antirracista na educação básica, enfatizando a inclusão e a valorização das culturas africana e afro-brasileira, através da literatura e de diversos gêneros textuais tem o potencial de revolucionar a educação ao integrar perspectivas historicamente marginalizadas no currículo escolar. No entanto, outro desafio se apresenta, na medida que estamos sugerindo a presença de textos de cunho estético, o que certamente pressupõe uma atenção especial à literatura – e ao cinema e à música – enquanto obra artística e não somente um instrumento pedagógico antirracista.

Para que o projeto seja bem-sucedido na escola, é fundamental seguir as diretrizes curriculares estabelecidas pelo Ministério da Educação, alinhando-as com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Lei nº 10.639/03 bem como a Lei nº 11.645/08, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana. A implementação de oficinas e atividades práticas é essencial para engajar os alunos de maneira interativa e significativa, incentivando o desenvolvimento de um pensamento crítico e autônomo.

De acordo com a Lei nº 10.639/03 e a Lei nº 11.645/08, é obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira em todas as instituições de ensino fundamental e médio, tanto públicas quanto privadas, em todo o Brasil. Essa legislação representa um passo importante para a inclusão e valorização dessas culturas na educação nacional. No entanto, a simples existência da lei não é suficiente para garantir uma educação verdadeiramente inclusiva e igualitária. É essencial que os educadores se dediquem ativamente na escolha de materiais didáticos que efetivamente promovam a conscientização e o respeito pela diversidade racial (Brasil, 2018).

Nesse contexto, o campo artístico-literário, como destacado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), oferece um terreno fértil para a implementação desta lei. A BNCC sugere parâmetros que incentivam "o aumento do contato e uma análise mais aprofundada de manifestações culturais e artísticas em geral" (Brasil, 2018, p.503). Isso implica uma abordagem educacional que não apenas expõe os alunos a diferentes formas de expressão artística e literária, mas também os encoraja a compreender estas obras tanto em seu contexto contemporâneo (sincrônico) quanto em seu desenvolvimento ao longo do tempo (diacrônico).

Além disso, espera-se que as escolas abordem obras literárias e artísticas de diferentes períodos históricos, permitindo aos alunos perceberem as conexões e evoluções dentro destes campos. Como aponta a BNCC, é importante que os estudantes sejam capazes de estabelecer relações entre as manifestações culturais passadas e futuras (Brasil, 2018, p.524). Esta

abordagem diacrônica ajuda a construir um entendimento mais rico e matizado da história e cultura africana e afro-brasileira, contribuindo para uma educação mais inclusiva e representativa.

Porém, mesmo com a implantação da Lei nº 10.639/03 que garante ao aluno de escola pública e privada estudar a diversidade da cultura africana e suas influências, a maioria dos profissionais da educação ainda não possuem conhecimento e preparação para ministrar tal conteúdo em sala de aula, conforme preocupa-se Lopes:

Os negros, ao longo da história do Brasil, têm sido, juntamente com os índios, os mais discriminados. Essa questão deve ser abordada na escola, incluída objetivamente no currículo, de tal forma que o aluno possa identificar os casos, combatê-los, buscar resolvê-los, fazendo com que todos sejam cidadãos em igualdade de condições, a despeito das diferenças e especificidades que possam existir. Forçoso é reconhecer, porém, que muitos professores não sabem como proceder. É preciso ajudá-los, pondo ao seu alcance pista pedagógicas que coloquem professor e alunos frente com novos desafios de aprendizagem. (...) (Lopes, 2005, p.187).

Para o ensino das Literaturas Africanas ser eficaz torna-se necessário desconstruir o possível olhar que se tem sobre a África, pois quem a colonizou foram os portugueses. Assim, tem-se a visão de que a África é pobre, miserável que não tem nada de belo a mostrar, todavia a África tem belezas inestimáveis, isto só é percebido quando é vista por outra visão. Assim, este projeto tenta ajudar os professores da educação básica, por meio de uma metodologia inovadora apoiada pelo uso de aulas interdisciplinares de história, literatura e a música. A utilização de músicas, filmes, vídeos clipes, dentre outros recursos ajudam os estudantes a terem acesso a esse conhecimento de forma mais significativa, assim, tais recursos são capazes aproximar a cultura africana da realidade do aluno, mostrando a ele a verdadeira identidade da cultura Africana, e conseqüentemente a sua própria identidade.

Não precisamos ser profetas para compreender que o preconceito incutido na cabeça do professor e sua incapacidade em lidar profissionalmente com a diversidade, somando-se ao conteúdo preconceituoso dos livros e materiais didáticos e as relações preconceituosas entre alunos de diferentes ascendências étnico-raciais, sociais e outras, desestimulam o aluno negro e prejudicam seu aprendizado (Munanga, 2005, p. 16)

Munanga fala de uma “realidade “que vem se perpetuando cada vez mais que é a abordagem dos conteúdos relacionados a temas africanos nos livros didáticos, sendo que estes dão ênfase apenas ao período da escravidão deixando de lado os pontos de maior relevância que contribuiriam para a distorção da construção negativa que se tem sobre África e seus descendentes.

Para que haja uma mudança de atitude referente a esse problema é preciso que os profissionais da educação entendam que a escola tem o papel de formar cidadão com um pensamento crítico-reflexivo, e que a escola é um espaço que visa o ensino da diversidade cultural. Nesse sentido as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura afro-brasileira e africana expõe:

Para obter êxito, a escola e seus professores não podem improvisar. Tem que desfazer mentalidade racista e discriminadora secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando relações étnico-raciais e sociais, desalienando processos pedagógicos. Isso não pode ficar reduzido a palavras e a raciocínios desvinculados das experiências de ser inferiorizados vivida pelos negros, tampouco das baixas classificações que lhe são atribuídas nas escalas de desigualdades sociais, econômicas, educativas e políticas. (DCNs, 2004, p. 15)

Embora a lei contribua na produção de posturas antirracistas, formação de valores e valorização da identidade cultural afro-brasileira e africana, ela por si só não é o suficiente para mudar situações de desigualdades raciais. Dessa forma, a efetivação dessa lei depende de um trabalho conjunto e articulado entre instituições de ensino, movimentos sociais e governo com suas políticas públicas, uma vez que cumprir a Lei é, pois, responsabilidade de todos e não apenas do professor em sala de aula.

O descaso com a cultura e história africanas se refletem no dia a dia, inclusive no desinteresse de muitos professores com temáticas da cultura africana, a falta de vontade e de preparo de muitos educadores e a falta de material didático: “Nesse sentido, a escola seria então lugar de experiências e trocas entre raças, de valorização da diversidade e da igualdade, mudando o rumo de uma história de exclusão e discriminação que expulsa a população negra da escola regular” (Brasil, 2006, p.88)

Portanto, diante disso, percebe-se a importância da lei 10.639/2003 e de discussões, oficinas e outras atividades que abarquem, entre outras práticas, o afrofuturismo no ensino das relações étnico-raciais, uma vez que pensar em uma educação para a diversidade é considerar esses elementos responsáveis para um rompimento com teorias racistas, desconstruindo com a visão de inferioridade da África e seus descendentes, trazendo uma perspectiva significativa em sala de aula a população negra.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Percebe-se que os conceitos chave da educação antirracista e da valorização da diversidade cultural, em especial as culturas africana e afro-brasileira conforme estabelecido

pela Lei nº 10.639/03 e a Lei nº 11.645/08 se apoiam em diversas disciplinas e abordagens, incluindo a pedagogia crítica, estudos culturais, história e sociologia e metodologia ativas, a partir das oficinas realizadas com o objetivo de fornecer um alicerce para a compreensão e implementação de práticas educativas inclusivas e representativas.

As abordagens enfatizam a importância do ensino como uma prática emancipatória, assim, a pedagogia crítica propõe que a educação deve ser um ato de libertação, onde os alunos são encorajados a questionar e transformar as estruturas de poder e desigualdade na sociedade. No contexto deste estudo, a pedagogia crítica oferece uma lente através da qual podemos entender a educação antirracista não apenas como transmissão de conhecimento, mas como um meio de empoderamento social e cultural.

Já os estudos culturais fornecem uma compreensão valiosa das dinâmicas de poder e identidade nas práticas culturais. Este campo interdisciplinar examina como as culturas são formadas, representadas e vivenciadas, enfatizando a necessidade de valorizar e preservar a diversidade cultural. Dentro deste estudo, os estudos culturais ajudam a moldar uma abordagem que reconhece e celebra a riqueza e complexidade das culturas africana e afro-brasileira.

Dessa maneira, a integração de perspectivas históricas e sociológicas será substancial para entender o contexto e a importância da Lei nº 11.645/08. A história fornece um panorama das origens e desenvolvimentos dos povos africanos e indígenas no Brasil, enquanto a sociologia ajuda a analisar as estruturas sociais e as relações de poder que moldaram e continuam a influenciar as experiências desses grupos. Este aspecto do marco teórico é essencial para compreender as raízes do racismo e da discriminação, bem como para identificar caminhos para a mudança social.

Nesse sentido, a educação antirracista por meio de oficinas, envolvendo os estudantes será o núcleo deste estudo, focando na necessidade de desafiar e desmontar o racismo no contexto educacional. Essa abordagem vai além da inclusão de conteúdos culturais diversificados no currículo; ela exige uma revisão crítica das práticas pedagógicas, materiais didáticos e estruturas institucionais para garantir que eles não perpetuem, mas sim desafiem, as desigualdades raciais e culturais.

## REFERÊNCIAS

BENATTI, Lucas Men; TERUYA, Teresa Kazuko. Saberes estético-corpóreos em “Alma no Olho” de Zózimo Bulbul: possibilidades para uma educação antirracista. **Perspectiva**, v. 40, n. 3, p. 1-19, 2022.

BRASIL. Ministério de Educação. **Base Nacional Comum Curricular BNCC**. Brasília, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf). Acesso em: 11 nov. 2023.

BRASIL. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Ministério da Educação e Cultura/Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: MEC/SECAD, 2006.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: SECAD, 2004.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC/SEF, 2004.

BRAÚNA, Carla Jeany Duarte; SOUZA, Davison da Silva; SOBRINHA, Zélia Maria Lemos Andrade. **Letramento racial crítico: ações para construção de uma educação antirracista**. *Ensino em Perspectivas*, v. 3, n. 1, p. 1-10, 2022.

COSTA, Edil Silva. Livro de resumos. **Seminário Interlinhas**, v. 5, n. 2, p. 1-100, 2017.

DUMANI, Juliano; PRATES, Cristina. A afro-brasilidade em sala de aula: por uma educação antirracista. **Revista Philologus**, v. 26, n. 78, Supl., p. 34-51, 2020.

EDGAR; Dinucci, K. Exú nas Escolas. In: SOARES, Elza. Part. Edgar. **Deus é Mulher**. Deckdisc, 2018. Disponível em: <https://youtube/NmDsmHtOgyw>. Acesso em: 11 dez. 2023.

LOPES, Véra Neusa. Racismo, Preconceito e Discriminação: procedimentos didático-pedagógicos e a conquista de novos comportamentos. In: **Superando o Racismo na escola**. 2. ed.. Brasília 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2º Ed. Revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 1999.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. **Literatura afro-brasileira infanto-juvenil: enredando inovação em face à tessitura dos personagens negros**. São Paulo: ABRALIC, 2008.

OYARZABAL, Larissa da Silva; PIRES, Cláudia Luísa Zeferino. Abolição da escravatura: 131 anos de liberdade ou ilusão? **Literatura em Debate**, v.13, nº 24, 2019. Disponível em:

<https://revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/view/3299>. Acesso em: 09 ago, 2024.

PADILHA, Alexandra da Silva; ZILBERSTEIN, Jacqueline. A construção de um projeto de educação antirracista na educação infantil em uma EMEF: relatos de experiências e primeiros movimentos. **Cadernos do Aplicação**, v. 33, n. 2, 2020.

ROCHA, Helena do Socorro Campos da; VAZ, Cristina Lúcia Dias. Afrofuturismo na educação: O caso da metodologia ativa cartodiversidade. **Revista e-Curriculum**, v. 19, n. 3, p. 1036-1059, 2021.

---

## **SOBRE OS AUTORES**

### **Rafael Aranha de Sousa**

Mestrando em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), com pesquisa sobre educação antirracista e o ensino de literatura. Professor da rede pública municipal de ensino e professor da rede particular, no município de Imperatriz/MA.

E-mail: [rafael10@mx2.unisc.br](mailto:rafael10@mx2.unisc.br)

### **Rosane Maria Cardoso**

Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Docente na Universidade de Caxias do Sul (UCS) e na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

E-mail: [rmcardoso3@ucs.br](mailto:rmcardoso3@ucs.br)

Artigo recebido em 01/04/2024.

Artigo aceito em 22/08/2024.